

PRÁTICA PEDAGÓGICA: POR UMA FORMAÇÃO ÉTNICA E O EMPODERAMENTO DAS CRIANÇAS NEGRAS

Josivaldo José de Oliveira¹

Nozilma Leocádia Barbosa Magalhães²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender como a prática pedagógica pode contribuir para a formação étnica e o empoderamento das crianças negras. Este trabalho apresenta um relato de experiência resultante de um projeto de intervenção (Mostra Cultural da Consciência Negra: Somos Filhas e Filhos do Mesmo Chão) realizado com discentes de 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental de uma Escola Municipal de Luís Eduardo Magalhães – BA. A metodologia utilizada tem destaque para uma abordagem qualitativa e, como instrumentos de coleta de dados foram utilizados a observação e a entrevista semiestruturada. O trabalho foi embasado em autores como Lopes (2005), Candau (2010), Munanga e Gomes (2006), Silva e Lima(2012), hooks (2017), Mosé (2013), Ramos (2017) e Parreiras(2007).

Palavras-chave: Educação étnica racial. Identidade. Empoderamento negro.

Introdução

Este artigo surgiu a partir de uma pesquisa de intervenção realizada na Escola Municipal Modelo³ em Luis Eduardo Magalhães – BA, que visou compreender como a prática pedagógica pode contribuir para a educação das relações étnico-raciais, de modo que as crianças possam aprender a reconhecer a diversidade cultural e humana, perceber as relações de poder e dominação que foram enraizadas em nossa sociedade no intuito de superar a visão preconceituosa e sobre os negros. Buscamos também analisar as práticas educativas voltadas para o empoderamento de crianças negras. Haja vista que a expressão “empoderar” tem sido amplamente popularizada nos últimos anos, especialmente pelos movimentos feministas e negros por meio de debates e também de redes sociais, torna-se importante compreender como este reconhecimento, aceitação e afirmação de si mesmo influenciam do processo de aprendizagem e interação sociocultural do indivíduo.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi de abordagem qualitativa que segundo Bogdan e Biklen (1982 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13) “A pesquisa

¹ Pedagogo pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB DCHT-IX.

² Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB DCHT-XVII.

³ Utilizamos nomes fictícios para o local e sujeitos da pesquisa como forma de preservar suas identidades.

qualitativa, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Tivemos como instrumentos a observação participante e entrevista semiestruturada - que segundo Minayo “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (p. 64, 2010)”, projeto de intervenção e realização de oficinas.

Na medida em que a escola buscou promover, ao longo do tempo, a integração das pluralidades étnicas e culturais no contexto educacional, tal instituição tornou-se um ambiente vulnerável aos mais distintos confrontos e conflitos, por conta das idiosincrasias entre os sujeitos e o enfrentamento das relações de dominação enraizadas no âmbito social. Por conseguinte, na contramão das tentativas conservadoras de negar as diferenças e as relações de poder construídas historicamente por uma elite, compreendemos que é possível reconhecer tais diferenças dentro da sala de aula e buscar caminhos para promover transformações do *status quo* por meio do diálogo.

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania (LOPES, 2005, p. 189).

A cotidianidade social no Brasil é permeada por atitudes de discriminação e preconceito que expressam seu caráter de segregacionismo, das instituições que compõem seus quadros percebemos que a escola, como fator de transformação das mazelas sociais, econômicas e políticas, deve pautar uma ascensão em caráter antirracista e inclusiva, na qual promova o ensino-aprendizagem para que sujeitos possam conviver respeitando as diferenças em toda sua gama de singularidades. Segundo Candau (2010), é necessária a incorporação da dimensão cultural no fazer pedagógico de modo que seja parte do cotidiano escolar.

A sala de aula é território também para autoconhecimento, na medida em que o aluno conhece sua história, suas raízes, poderá torna-se um sujeito consciente de suas ações, ou seja, autônomo, capaz de pensar e agir sobre sua realidade. Conhecer o passado, a ancestralidade, os acontecimentos que serviram de base para a origem de determinados fenômenos culturais hodiernos, leva as pessoas a uma melhor compreensão e desmistificação, de tal forma que

possam perder esse medo do que não lhe é espelho. Para tanto é fundamental ressaltar que uma prática pedagógica antirracista, problematizadora e direcionada para a tomada de consciência e autoafirmação é capaz de possibilitar uma aprendizagem mais significativa e uma formação verdadeiramente humana.

As relações étnicas raciais na educação escolar

Quais são os caminhos, possibilidades e desafios para que a ação pedagógica rompa com os paradigmas racistas entranhados em nossa sociedade? Levando-se em consideração que a criança adentra no ambiente escolar dotado de conhecimentos prévios (leitura de mundo) assimilados no seio familiar e social, diversas vezes ela reproduz atitudes racistas. Munanga e Gomes afirmam que,

Os primeiros julgamentos racistas apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto. As atitudes racistas de caráter negativo podem, ainda, ganhar mais força na medida em que se convive com um mundo que coloca as pessoas constantemente diante do trato negativo do negro [...] (2006, p. 182).

Muitas vezes o próprio ambiente escolar que deveria acolher os alunos com equidade, torna-se um lugar no qual as crianças negras começam a perceber as negações e limitações que a sociedade racista lhe impõe, seja por meio da falta de representatividade nos contos literários estudados, ou por piadas entre os colegas, comentários preconceituosos por parte de professores ou funcionários relacionados ao seu estereótipo. A respeito dessa questão, o pesquisador Dagoberto José Fonseca⁴ explica que “a piada não é ingênua, ela tem como objetivo a desqualificação do outro, e, portanto isso é feito de uma maneira muito sutil, porque você provoca o riso [...], no entanto este rir do outro é extremamente prejudicial e nocivo” e tem um impacto negativo principalmente para as crianças negras que se sentem inferiorizadas.

Os estudantes negros costumeiramente não são representados nas paredes da escola, pois em todos os murais e painéis são ilustrados com imagens de pessoas de pele clara, olhos

⁴ Dagoberto Fonseca em seu livro *Você conhece aquela? A Piada, o riso e o racismo à brasileira* (2012), faz uma análise sobre o racismo presente nas piadas que ridicularizam e objetificam as pessoas negras, e revela a falácia da democracia racial brasileira.

azuis ou verdes e cabelos loiros, o típico padrão de beleza eurocêntrico. Conforme aponta os estudos de Benvinda Domingues da Silva e Maria Cecília de Lima,

A desigualdade é consubstanciada por uma indiferença que, comumente, guindam os brancos à condição de “superiores”. O sentimento de exclusão das crianças negras é reforçado, cotidianamente, pela mordaza ideológica que divide “superiores” e “inferiores” pela cor da pele. Práticas educativas que deveriam elucidar e libertar são minoradas em detrimento de “rituais pedagógicos” que reforçam a opressão e a discriminação. O racismo é sentido, mas não denunciado, debatido (DA SILVA & LIMA, 2012, p. 10).

É possível observar que uma parte dos educadores não se atenta para os conflitos étnicos raciais presentes no cotidiano do espaço escolar, tampouco incentivam o diálogo sobre tal temática, assim, vale lembrar a necessidade da formação para o professor, posto que nem todos consigam incorporar os conteúdos curriculares relacionados à história e cultura afro-brasileira ao currículo. Não obstante é preciso ampliar o olhar do professor. Neste contexto bell hooks (2017, p. 55) pontua que “não havíamos percebido o quanto o corpo docente precisava desaprender o racismo para aprender sobre a colonização e a descolonização e compreender plenamente a necessidade de criar uma experiência democrática de aprendizagem das artes liberais”.

Ou seja, existe uma deficiência na formação docente, no que tange os aspectos da reflexão e desconstrução dos preconceitos embrenhados em suas próprias concepções e práticas e, que refletem no modo de lidar (ou negligenciar) com os conflitos culturais em sala de aula. A educação precisa estar vinculada à cultura e à vida fora da escola, reconhecendo também as problemáticas sociais e discriminatórias que permeiam o cotidiano dos alunos, pois, conforme pontua Viviane Mosé, é dessa forma que o sujeito se torna autônomo e se humaniza.

A escola, cada vez mais, deverá ser um espaço aberto, e a educação inevitavelmente vinculada a cultura. A vida deve ser a dimensão integradora das relações na escola. Se não houver vida naquilo que aprendemos então não há educação, formação, muito menos aprendizagem (MOSE, 2013, p. 82).

Dessa forma, cabe à escola buscar promover uma sensibilização sobre o respeito à igualdade de direitos e de acesso, incentivar a aceitação da cultura e da aparência do outro, de tal modo que as crianças possam ir à escola, sobretudo para aprender a viver em sociedade antes de simplesmente memorizar informações conteudistas. A seguir faremos uma análise

sobre a influência da prática pedagógica para a construção identitária das crianças, ressaltando a importância do incentivo ao empoderamento negro para o desenvolvimento de suas aprendizagens.

O reconhecimento da identidade na perspectiva do empoderamento da criança negra

É notório que muitas vezes os sentimentos de inferioridade e angústias – que são marcas deixadas pela discriminação vivenciada - podem criar bloqueios emocionais que interferem no processo de ensino aprendizagem. A construção e afirmação de sua própria identidade são fundamentais para a consolidação da autoestima do sujeito, de modo que o aluno se sentirá mais confiante e capaz de aprender.

É necessário um trabalho em sala de aula que promova um sentimento de autoconfiança e segurança nas crianças negras. Para que conheçam e se orgulhem de suas origens em vez de sentirem vergonha da sua aparência, religião e costumes. “Porque o racismo prega peças, nos faz muitas vezes desejar a identidade do outro” (RAMOS, p. 62-63). Neste contexto, Candau (2010, p. 34) ressalta que

A luta pelo reconhecimento da identidade a partir de sua própria história, de seu próprio sistema simbólico se dá, para alguns grupos na possibilidade de uma pertença, de estar entre seus iguais sejam estes o que tenham a mesma cor, os que utilizam a mesma língua, os que tenham as mesmas crenças, o mesmo gênero, etc.

Ao inserir em sala de aula conteúdos de história, cultura e arte africana e afro-brasileira, evidenciando a representatividade e protagonismo do negro, contribuimos para a construção/reconstrução de sua identidade. De modo a fortalecer um novo olhar positivo em relação ao “ser negro”.

Em meio a tal demanda, fez-se necessário a criação da lei 10.639/2003, uma ação afirmativa que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira,

Art. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

Art. 26- A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra (BRASIL, 2008).

É intrigante que em um país caracterizado pela presença expressiva de pessoas negras e afrodescendentes seja necessário uma lei que torne obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Tal fato revela o quanto o racismo ainda está enraizado no consciente e inconsciente coletivo. A escola precisa assumir o compromisso por uma prática que seja libertadora. Como descrito por Banks (1999):

Uma prática escolar que promova o empoderamento de diferentes grupos deve estar atenta a um processo de reconstrução da cultura e da organização escolar, de maneira tal que os estudantes de diferentes grupos raciais, étnicos e classes sociais façam uma experiência de igualdade educacional e dos próprios processos de “empoderamento” (apud CANDAU, 2010, p. 117).

O conceito de “empoderamento” está relacionado a uma tomada de consciência sobre a igualdade de direitos e emancipação, que possibilita uma transformação nas relações de poder e dominação, estabelecidas secularmente. Em seu livro “Na Minha Pele” Lázaro Ramos esclarece que,

Os dicionários definem “empoderar” como “conceder ou conseguir poder; obter mais poder; tornar-se mais poderoso” (Dicionário Online de Português) ou “a ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais” ou “conscientização; criação; socialização do poder entre os cidadãos; conquista da capacidade de participação; inclusão social e exercício da cidadania (Dicionário Informal)” (RAMOS, 2017, p. 109).

Ou seja, pode ser entendido também como a perda do medo de assumir suas identidades. Este movimento vem sendo cada vez mais disseminado, principalmente entre os jovens, seja por meio do visual, da música e demais expressões artísticas, dos “textões” publicados em redes sociais, entre outros.

No ambiente escolar, pensar em empoderamento dos alunos negros é vislumbrar a possibilidade de promover um equilíbrio, horizontalizar as relações de poder – dar ao

dominado a capacidade de alterar a relação de submissão. Neste contexto, “é decisivo propiciar elementos ao aluno para que repudie toda a forma de exclusão social, por meio sobretudo da prática cotidiana de procedimentos voltados para o princípio da equidade” (BRASIL, 1997, p. 49). Diante disso, percebemos a importância de elaborar e implementar um projeto de pesquisa e intervenção com intuito de promover uma reflexão transformadora em todos os âmbitos da escola.

Mostra Cultural da Consciência Negra: Experiências de uma Prática pedagógica para o empoderamento das crianças negras

Figura 1 - Painel de exposições da culminância do projeto Mostra Cultural da Consciência Negra.



Fonte: acervo dos autores, 2017.

Em meio à necessidade de trabalhar as questões étnico-raciais e de respeito ao próximo, começamos articular um projeto de intervenção, com atividades e eventos na escola no intuito de fortalecer o diálogo e até mesmo fazer com que os colegas docentes repensassem sua prática pedagógica no tocante ao referido tema.

Este projeto intitulado “Mostra Cultural da Consciência Negra: Somos Filhas e Filhos do Mesmo Chão” teve a duração de seis meses (entre Junho a Novembro de 2017) e foi idealizado de forma a incluir o ensino de história e cultura Africana e afro-brasileira abarcando todos os componentes curriculares interdisciplinarmente. A primeira etapa do desenvolvimento prático se caracterizou pela promoção de leitura e oralidade em sala de aula com abordagem de temas relacionados igualdade, solidariedade, respeito às diferenças, discriminação, dentre outros. Estes debates permitiram que os alunos demonstrassem suas

angústias e inquietações, ao mesmo que se permitiram ouvir e sensibilizarem-se com as vivências do outro.

Outro momento marcante se deu em algumas atividades de arte, na qual solicitamos que os alunos produzissem a pintura de um autorretrato, e embora a maioria dos alunos tivessem cor da pele negra, usavam sempre um lápis de cor chamado por eles de “cor de pele” e que evidentemente possui uma tonalidade de cor rosada. Nestes momentos foi importante intervir questionando o aluno e levando-o a procurar o lápis que verdadeiramente mais se parece com a cor da sua pele. Visto isso, vale lembrar um teste realizado com crianças por psicólogos americanos em meados de 1940, sugeriram classificar entre duas bonecas, uma negra e outra branca, a sua percepção de bondade e beleza, e o resultado foi que a maioria das crianças prefere se identificar com a boneca de cor branca nos aspectos positivos, revelando que desde a infância o negro é influenciado – pelos ideais de beleza impostos socialmente – a sentir vergonha da cor de sua pele.

Fazer uso de literatura infantil que tratam de temáticas referentes à representatividade foi essencial na questão da construção de valores e identidade. A interpretação de livros como “Menina Bonita do Laço de Fita” – Ana Maria Machado; “O Cabelo de Lelê – Valéria Belém”, “Toim, Cadê você-Tamires Lima”; “As Tranças de Bintou (Sylviane Anna Diouf)”; “Que Cor É a Minha Cor-Marta Rodrigues” que incentivaram o processo de autoafirmação.

Cada vez mais, vemos pesquisadores apontando para uma necessidade da presença do negro na literatura infantil. Com isso, produções mais recentes têm surgido com imagens e narrativas que vão para além das denúncias e preconceitos, mas que retratam o negro como ser histórico e social. São livros que buscam romper com a idéia de superioridade de uma raça sobre a outra e possibilitar um outro olhar sobre o negro, surgindo como protagonista e possibilitando uma valorização do ser negro, sem o estigma da escravidão e do sofrimento, ao qual até na literatura, todo negro parecia estar fadado (PARREIRAS, 2007, p. 44).

Na terceira etapa do projeto, promovemos um estudo mais específico sobre a história da África e suas contribuições em diversos aspectos para a formação da cultura brasileira e afro-brasileira. As influências da cultura negra na culinária, agricultura, pintura, música, dança, ciência, política e etc. Trabalhamos ainda com a biografia de algumas personalidades que se destacam, no passado e no presente, na luta pela igualdade e equidade de direitos.

Foram realizadas algumas oficinas produções artísticas tais confecção da boneca Aboyomi⁵; releitura de artistas plásticos como Keith Malett⁶ e Esther Mahlangu⁷, produção de estampas étnicas e máscaras africanas. As imagens abaixo mostram momentos da oficina de confecção de máscaras inspiradas na cultura tribal africana,

Figura 3



Fonte: acervo dos autores, 2017.

Figura 2



Fonte: acervo dos autores, 2017.

⁵ Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. Acessado em 16/05/2018.

⁶ Nascido na Pensilvânia em 1948, Keith estudou pintura na “Art Student’s League” e “Hunter College”, em New York, e “La Valley College”, em Los Angeles. Para Keith Mallett, pintar é uma viagem espiritual. Nos últimos anos tem devotado seu talento a assuntos que retratam a beleza e a força da experiência afro-americana. Disponível em: <http://www.sabercultural.com/template/especiais/MallettKeith1.html>. Acessado em: 16/05/2018.

⁷ A Artista Sul-africana Esther Mahlangu de 75 anos, nascida em 1935, pertence à comunidade Ndebele de Gauteng, ao norte de Pretoria. Pioneira em colocar as cores e formas Ndebele em telas, até então realizadas somente nos murais das casas. Desenha à mão livre, sem medições ou esboços utilizando tintas brilhantes. Em 1989, quando tinha 55 anos, foi a primeira mulher de sua tribo a cruzar o oceano, a transpôr os murais para telas e levar as convenções do seu trabalho a um público mais vasto. Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=128>. Acessado em: 16/05/2018.

Também foi importante a realização de apresentações musicais, poéticas, teatrais, de capoeira, maculelê e de danças. Como pode ser observado nas imagens abaixo,

Figura 4 - apresentação de danças por alunos do 4º e 5º anos.



Fonte: acervo dos autores, 2017.

Figura 5 - Apresentação de capoeira e maculelê com alunos do Programa Mais Educação.



Fonte: acervo dos autores, 2017.

A culminância de tal projeto aconteceu na semana da consciência negra onde as turmas envolvidas puderam compartilhar suas produções e aprendizagem com os demais integrantes da comunidade escolar. Desta forma toda a escola foi convidada a fazer uma reflexão sobre o racismo subjetivado em ações cotidianas no próprio ambiente escolar.

Vale ressaltar que a caminhada desde a elaboração e implementação do projeto foi tortuosa, marcada por resistências e reações contrárias, por parte tanto de alguns educandos quanto de alguns profissionais da escola. Tais fatores reforçam quão grandes são as necessidades de um maior debate sobre as ações racistas na sociedade, uma maior reflexão sobre as ações educativas, em vista de promover as mudanças necessárias em prol do empoderamento das crianças negras.

Após a culminância do projeto “Mostra Cultural da Consciência Negra”, foi aplicado um questionário com os professores, equipe gestora e alunos para compreender melhor a concepção dos agentes educadores da escola pesquisada acerca dos conflitos nas relações étnico raciais presentes no cotidiano escolar, como a comunidade escolar lida com essa temática bem como identificar possíveis resultados positivos e pontos a serem melhorados em relação ao desenvolvimento das atividades do projeto.

Vejamos abaixo algumas falas de professores e gestores ao responderem se já presenciaram situações de discriminação ou preconceito racial na escola:

Sim, mas não atos de discriminação, mas ouvi relatos de alguns alunos negros que não aceitam ser negros, para eles a cor da pele é morena (COORDENADOR).

Sim, as vezes as crianças gostam de escolher as amizades, deixando de lado as que tem a cor da pele mais escura ou cabelo afro. Sem falar que muitas vezes colocam apelidos racistas. Mas nem sempre é só com crianças que acontecem, mas sim com adultos e colegas de trabalho (DIRETORA).

Sim, tanto por parte dos alunos como de funcionários. Pode-se citar como exemplo a expressão como: “cabelo ruim, eu não gosto dela ou dele por que é marrom (PROFESSORA N).

[...] ouvi o relato de uma criança falando que uma funcionária a chamou de cabelo de leão, pelo fato de ser um cabelo afro, cacheado e estar solto (PROFESSORA S).

Percebe-se que as falas supracitadas confirmam que algumas situações de racismo estão entranhadas no ambiente escolar e de forma perceptível. Ou seja, os educadores reconhecem que a maioria de seus alunos negros demonstra resistência em relação a autoafirmação de uma identidade negra e/ou afrodescendente. E estão sofrendo rejeição por parte de estudantes e funcionários. Neste contexto vale ressaltar a fala emocionada de uma aluna ao relatar sobre uma situação de preconceito vivenciada,

Teve uma vez, tia, que eu tava sentada num banco de boa, aí apareceu uma pessoa e falou assim: sai daqui sua preta fedorenta. E ficou falando do meu cabelo. Meu cabelo é feio mesmo. Eu me senti muito mal com vergonha (ALUNA TULIPA, 3º ANO).

Consoante a este depoimento, observamos o quanto o racismo pode afetar as relações interpessoais em sala de aula, bem como a autoestima e aprendizagem da criança. A forma como a criança se percebe negra no ambiente escolar geralmente de forma negativa, faz com que ela busque se distanciar dos elementos próprios de seu grupo étnico, e passa cada vez mais a imitar o estereótipo hegemônico. Conforme aponta Lazaro Ramos,

Um negro se dá conta da sua etnia a cada olhar que recebe (de desconfiança, de surpresa, de repulsa, de pena) ao entrar em um lugar. A cada vez que se procura e não se encontra, a cada apelido na escola, que sempre tem a ver com a cor e, geralmente, agregado a um valor negativo. A cada vez que não é considerado padrão de beleza e a cada vez que se vê calculando como deve se portar ou o que deve dizer, porque não sabe como será interpretado. A cada vez que percebe que sua palavra é desconsiderada ou considerada equivocadamente (RAMOS, p.141-142).

Muitas vezes a prática educacional, por meio de um ritual pedagógico silencioso, coaduna para a reprodução do racismo, conforme Da Silva e Lima (2012), visto isso, indagou-se aos entrevistados sobre a forma que a comunidade escolar lida com a temática do preconceito racial. Obtiveram-se as seguintes respostas,

Bem discutida próxima à semana da consciência negra. Quando acontece um fato maior deixam a responsabilidade para órgãos maiores. Percebe-se que é discutida para cumprir protocolo de datas comemorativas (PROFESSORA S).

Através de diálogo coletivo, eventos que fomentam a cultura afro-brasileira, efetivar na prática a lei 10.639/03. Com eventos como a Semana da Consciência negra, atividades durante o decorrer do ano letivo. Vale lembrar a necessidade da formação para o professor, pois ainda nem todos conseguem incorporar ao currículo, na maioria das vezes por questões pessoais. É preciso ampliar o olhar do professor (PROFESSORA N).

Talvez a escola trabalhe pouco dentro do que a lei diz, o professor poderia ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira (PROFESSORA M).

Na verdade o que foi feito até hoje, no meu ver, é o projeto Mostra Cultural da consciência negra que está sendo aplicado na escola (PROFESSORA F).

De acordo com as falas acima, os conteúdos sobre história e cultura africana e afro-brasileira, embora sejam obrigatórios pela lei 10.639/03, não estão sendo desenvolvidos de forma contínua no fazer pedagógico. Os relatos revelam que tais conteúdos são trabalhados de forma fragmentada somente no dia 20 de Novembro em vez de ser implementado como uma prática cotidiana. Este fato também pode ser evidenciado por meio das seguintes falas dos alunos,

Eu nunca estudei coisas de racismo antes, nenhum professor estudou isso com a gente. Estudei só com o projeto da consciência negra. (ALUNA FLOR DE LIS, 5º ANO).

Não, nunca tinha estudado de racismo (ALUNO CRISÂNTEMO, 4º ANO).

Tais respostas refletem o quanto a escola precisa ser aprimorada para tratar das relações étnico raciais, para que seja um lugar primordial para discussões sobre respeito e fortalecimento de um convívio mais humanizado.

Ao final, os entrevistados discorreram sobre os resultados e as contribuições da realização da Mostra Cultural da Consciência Negra na escola. As respostas foram as seguintes,

Foi um momento de reflexão e respeito para com todos. Porém os professores precisam se conscientizar primeiro para que o evento aconteça e tenha bons resultados (PROFESSOR F)

Acho positivo o projeto, pois venho notando que após o evento situações de aceitação vem acontecendo, por exemplo, meninas que tem cabelos crespos e usaram sempre chapinha, hoje vejo os cabelos delas afro (PROFESSORA S).

A contribuição é positiva, pois diminuíram os relatos de discriminação e os índices de agressões por questões raciais na escola (SERVIDORA).

Achei de grande relevância, sendo um evento que vai além de trabalhar a data comemorativa, mas há um trabalho de conscientização e empoderamento (PROFESSORA N).

Eu aprendi que sou negra e aprendi a respeitar os negros por que somos iguais os outros. Não gosto de racismo com ninguém (ALUNA AÇUCENA).

Eu aprendi que não podemos esconder a nossa cor e nem devemos julgar os outros (ALUNO LÍRIO).

Desta forma, notamos uma mudança, não completa, mas bastante significativas nos relacionamentos interpessoais entre alunos, e professor-aluno. Algumas crianças passaram a demonstrar maior confiança a compreender seu estereótipo de cabelo crespo e sua negritude como símbolo de resistência e pertencimento cultural e assim notou-se um avanço na aprendizagem.

Algumas considerações preliminares...

Este estudo buscou compreender como a prática pedagógica pode contribuir para a formação étnica e o empoderamento das crianças negras. Neste tocante, foi possível evidenciar nas falas dos entrevistados que o projeto possibilitou a todos os envolvidos um momento de discussão e até mesmo mudança de comportamento no que diz respeito as questões étnicas raciais. Observamos que muitas crianças negras passaram a se auto afirmarem em relação a sua identidade demonstrando-se mais confiantes, por exemplo, em assumir os cabelos naturais. Além disso, as demais crianças puderam sensibilizar seu olhar em relação ao próximo, demonstrando repúdio a situações de injustiça.

Foi possível notar que os agentes educacionais apresentam uma necessidade de momentos dialógicos e até mesmo de formação no que diz respeito a temática suscitada no projeto. Na fala dos educandos percebeu-se que os mesmos deixaram claro a importância e os anseios de estudarem os temas abordados no projeto. Dessa forma evidencia-se que existem margens para o desenvolvimento vindouro de estudos mais aprofundado neste universo de pesquisa.

Notamos que uma educação voltada para o empoderamento da criança negra pode significar um desvelamento no seu processo de ensino aprendizagem. Embora em meio a conflitos e dificuldades é possível desenvolver uma prática pedagógica antirracista no ambiente escolar.

Referências

- BRASIL. **Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 15/12/2017 às 14h00.
- CANDAU, Vera Maria (Org.) **Sociedade, Educação e Cultura (s): Questões e propostas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FONSECA, Dagoberto. Você conhece aquela? A Piada, o riso e o racismo à brasileira (2012) Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/35480_livros-57-voce-conhece-aquela-dagoberto-fonseca.html . Acesso em: 26 maio 2018.
- JÚNIOR, Cleonildo Mota Gomes. A prática pedagógica com as literaturas infantis: o Reconhecimento identitário da criança afro-brasileira. **Revista Educação e (Trans)formação**, Garanhuns, v. 02, n. 01, nov. p. 49-67. 2016 / abr. 2017.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- PARREIRAS, Ângela Maria Ramos. **Construção da identidade étnico-racial: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas.** Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp040668.pdf>. Acessado: 06/04/2018
- SILVA, Benvinda Domingues da & LIMA, Maria Cecília de. A Importância Dos Contos Infantis Na Constituição Da Identidade Do Negro. In: FILHO, Guimes Rodrigues; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins; NASCIMENTO, João Gabriel do (Org.). **Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil.** Uberlândia, MG: Editora Gráfica Lops, 2012. cap.1, p. 3-22.
- HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática da Liberdade.** tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo, SP: Editora WMF Martins, 2017.
- LOPES, Véra Neusa. Racismo, Preconceito E Discriminação: Procedimentos Didático-Pedagógicos e a Conquista De Novos Comportamentos. In: Munanga, Kabengele (Org.).
- Revista do Coletivo Seconba*, v. 3, n. 1, p. 43-57, nov. 2019.

Superando o Racismo na escola. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.185-204.

MOSÉ, Viviane. **A Escola e os Desafios Contemporâneos.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006. Parreiras(2007

RAMOS, Lázaro. **Na Minha Pele.** Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2017.

UNIVESPTV. Livros 57: Você conhece aquela?-Dagoberto Fonseca. Disponível em: http://tvcultura.com.br/videos/35480_livros-57-voce-conhece-aquela-dagoberto_fonseca.html. Acesso em: 26 maio 2018.

VIEIR,A Kauê. Bonecas Abayomi: Símbolo De Resistência, Tradição E Poder Feminino. (Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. Acessado em 16/05/2018).

CAPELLUTO, Mario. Arte Africana: Keith Mallett. (Disponível em: <http://www.sabercultural.com/template/especiais/MallettKeith1.html>. Acessado em: 16/05/2018).

DIA A DIA EDUCAÇÃO. África do Sul: Esther Mahlangu (pintora). (Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=128>. Acessado em: 16/05/2018).